

MENOR DE RUA

* Carla Garcia Cid

* Maria Antonieta Carbonari de Almeida

* Simone Martin Oliani

** Edirlei V. Baggio

RESUMO

A criança que vive na rua foi o tema deste trabalho. Eles querem ser caminhoneiros, médicos, domésticas ou lavadeiras. Saíram da casa dos pais muito cedo por causa da violência, mas conheceram também na rua. Sonham em ter uma casa, escola. Já roubaram, foram presos, experimentaram drogas, este é o perfil do menor de rua em Londrina-Pr., que diariamente vemos na área central (calçadão), pedindo esmola, engraxando, guardando os carros e fugindo da polícia.

* Autoras: discentes do curso de Psicologia

** Orientador/professor da disciplina de Estatística aplicada à Psicologia

1. INTRODUÇÃO

As manchetes de jornais estampam rotineiramente em grandes letras, casos de menores que matam e morrem. Por este motivo a atenção das autoras foi voltada para este tema atual para ser objeto de investigação. O objetivo do presente trabalho é conhecer a realidade econômica, social e cultural do menor de rua de Londrina-Pr., para compreender e aceitar a criança que é estigmatizada pela sociedade.

Quem são estes menores?

A pesquisa restringiu-se ao grupo de menores de rua que almoçavam no bosque (região central de Londrina, entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo). Em março e abril de 1991 as autoras tiveram contato com estes menores participando das suas atividades, e após este contato, antes de aplicar o roteiro de entrevista (com 13 perguntas, ver anexo), para maior fidedignidade, na hora do almoço era servida uma refeição por voluntários ligados à Pastoral do menor da Arquidiocese de Londrina, o que permitiu que as entrevistas fossem realizadas a contento.

Após vários contatos, os informantes mostraram-se receptivos à nossa entrevista (e queriam ver se escrevamos exatamente o que eles falavam). Cada uma das autoras conversou individualmente com 15 menores que frequentavam o Bosque, perfazendo o total de 45, com a faixa de idade de 9 a 10 anos, predominando sexo masculino.

2. NOÇÕES GERAIS SOBRE A TEMÁTICA INVESTIGADA

"Meninos de Rua são vítimas, crianças subnutridas que cheiram cola porque têm fome" (Perez Esquivel, Prêmio Nobel da paz 1980).

Filhos da miséria e do crime, os meninos de rua são diferentes dos rótulos que a sociedade lhes pespegou.

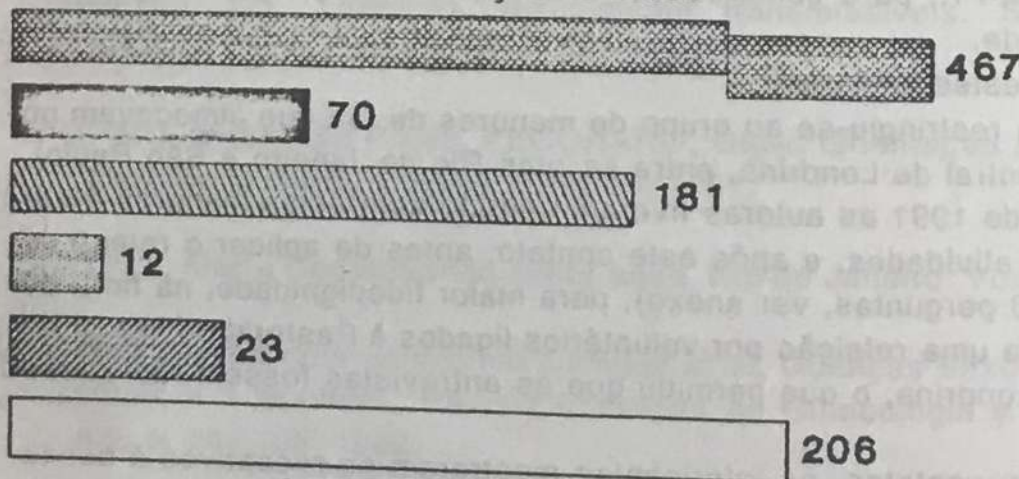
A maioria não saiu de casa para fugir da pobreza, mas para escapar de um cotidiano de brutalidade, típico das famílias em colapso. São pais sem profissão definida, quebrados pelo alcoolismo, que educam seus filhos através da cartilha da violência, espancamentos e mesmo estupros. A miséria, o desenraizamento de migrantes que são atirados na periferia das grandes cidades e, em consequência a desestruturação das famílias, todos esses fatores servem para explicar o aparecimento e a proliferação das crianças bandidas nas ruas. Mas há outros. Como dizem os sociólogos, os meninos de rua cumprem uma função social.

O governo estima que mais de 800.000 meninos e meninas saem à rua, todos os dias, para ajudar no sustento da família. Não têm registro em carteira e seus ganhos são incertos, a maioria faz um trabalho tão honesto como o de um Senador da República. São crianças maltrapilhas que vendem chicletes nos cruzamentos, oferecem-se para tomar conta de carros, corregam pacotes ou simplesmente pedem esmolas. Como tantas outras, poderiam estar na escola, nadando no clube ou jogando videogame em casa.

Mas estão na rua!

O núcleo de estudos sobre a violência (NEV), da Universidade de São Paulo, realizou pesquisas em Recife, São Paulo e Rio de Janeiro e constatou, de janeiro a dezembro de 1989, o quadro abaixo:

Assassinatos de crianças no Brasil



LEGENDA

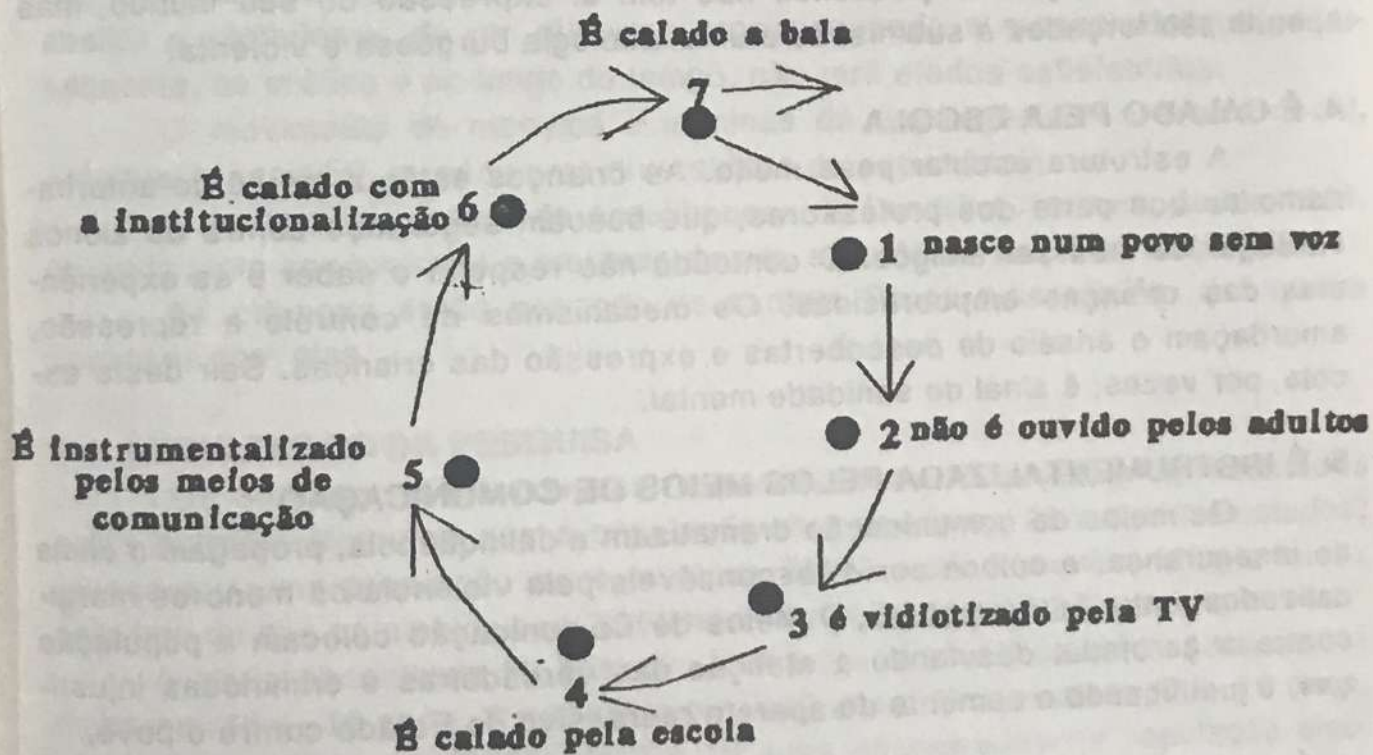
- CRIANÇAS ASSASSINADAS NO BRASIL EM 1989
- CRIANÇAS ASSASSINADAS NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE SETEMBRO DE 90 E MARÇO DE 91
- ASSASSINATOS DE AUTORIA DESCONHECIDA EM 89
- ASSASSINATOS CREDITADOS AO "ESQUADRÃO DA MORTE" EM 89
- MORTES CREDITADAS À POLÍCIA EM 89
- CRIANÇAS VÍTIMAS DE CHACINA EM 89

Fonte: Relatório da Anistia Internacional de 1990
Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua e
Núcleo de Estudos da Violência da USP.

Do total de assassinatos, 82% foram praticados com arma de fogo. A pesquisa mostra ainda que entre 457 menores assassinados em 1989, só 17 tinham passagens na polícia. Estes dados podem ser conferidos no livro "Vidas em Risco", do Núcleo de Estudos da Violência, USP.

"Mais cedo ou mais tarde a gente vai morrer. Meu negócio é roubar, foi sempre roubar e me sinto bem com muito dinheiro. Não roubo de pobre. O gerente de banco rouba mais do que eu". (Naldinho, 15 anos).

2.2. - Ciclo de marginalização do menor



1. NASCE NUM POVO SEM VOZ

O nascimento de grande parte das crianças se dá nas favelas, nos cortiços, ocupações, acampamentos, nas ruas. Filhos de um povo calado pelo medo da repressão, pela insegurança do emprego, pela expulsão da terra, pela exploração e falta de moradia.

2. NÃO É OUVIDO PELOS ADULTOS

A criança pequena é vista como estorvo: não sabe nada, só atrapalha. "Não tem nada que querer!" "Cala a boca, menina". "Fica quieto, menino"... É isto que a criança escuta dos adultos a maior parte do tempo.

3. É "VIDIOTIZADO" PELA TV.

A criança, especialmente no cortiço, fica muitas horas recebendo informações da televisão. A maior parte da programação não estimula a criança a agir, a criar, a falar, mas a receber. A TV não é, certamente um canal de comunicação da criança. Os pequenos não têm aí expressão do seu mundo, mas apenas são forçados à submissão a uma ideologia burguesa e violenta.

4. É CALADO PELA ESCOLA

A estrutura escolar pesa muito. As crianças estão a mercê do autoritarismo de boa parte dos professores, que buscam segurança contra os alunos em lugar de lhes ser amigos. O conteúdo não respeita o saber e as experiências das crianças empobrecidas. Os mecanismos de controle e repressão, amordaçam o anseio de descobertas e expressão das crianças. Sair desta escola, por vezes, é sinal de sanidade mental.

5. É INSTRUMENTALIZADA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação dramatizam a delinqüência, propagam o clima de insegurança, e coloca como responsáveis pela violência os menores marginalizados, entre outros pobres. Os Meios de Comunicação colocam a população contra a garotada, desviando a atenção das verdadeiras e criminosas injustiças, e justificando o aumento do aparato repressivo do Estado contra o povo.

6. É CALADO COM A INSTITUCIONALIZAÇÃO

Além da boca calada, todo o corpo da criança tem que ficar quieto na instituição. O corpo não pode mais ir e vir, não pode mais comunicar sua verdade, não pode dizer o que sente, o que deseja. Só lhe é permitido dizer o que a burocracia e a dominação querem ouvir. A FEBEM garante para a sociedade a inexistência destas crianças.

7. É CALADO A BALA

A cada dia são assassinadas na cidade de São Paulo mais de uma criança. O corpo imóvel de tantas crianças, do Joilson, do Pregão... tem que começar a falar, a gritar, a proclamar com força: **NÓS QUEREMOS VIVER**. A poluição sonora das mentiras, das preocupações financeiras, das ilusões consumistas têm que dar lugar a uma audição dolorosa e revolucionária das crianças massacradas e caladas à bala.

2.3. O QUE SE TEM FEITO DE CONCRETO?

Da parte do Estado, pouquíssimo foi feito para que estes menores tenham vida decente. A ação mais efetiva é obra daquelas pessoas que são o "sal da terra": voluntários, as entidades religiosas, alguns educadores e juizes de menores.

Em maio de 1991, foi lançado em Brasília, o programa **Minha Gente**, destinado a construir 5.000 centros integrados de apoio à criança: CIAC. Este projeto é movido por uma ambição grandiosa, num custo elevadíssimo. Precisamos avaliar a efetividade de um discurso propagandeado e mascarado que possivelmente, na prática e ao longo do tempo, não terá efeitos satisfatórios.

O movimento de meninos e meninas de rua organiza-se a nível local, estadual e nacional, e reúne uma diversidade de experiência.

A pastoral do menor da Arquidiocese de Londrina-Pr. vem, desde 1984, atuando junto aos meninos e meninas de rua, através de pessoas voluntárias.

As crianças estão por todo os cantos. Procura-se alguém que queira caminhar com elas....

2.4. RESULTADOS DA PESQUISA

Os 36 meninos e 9 meninas responderam as 13 questões apresentadas pelas autoras. Notou-se que a população-alvo (menores de rua entrevistados) apresentou uma proporção de 4 meninos (80%) para 1 menina (20%), talvez pelo fato de que as meninas se "profissionalizam" na prostituição, muito novas.

A idade encontrada foi entre 9 -- 11 anos, 5 menores; 11 -- 13 anos, 11 menores; 13 -- 15 anos, 9 menores; 15 -- 17 anos, 10 menores; 17 -- 19 anos, 10 menores. Entre as idades de 9 a 18 anos encontradas na população alvo, existe certa uniformidade na distribuição.

Do total pesquisado afirmam que não têm para onde ir -- nem mesmo de noite -- 11 crianças. Outros 27 vivem com a família, 6 moram com parentes e apenas 1 informou que vive em um bar. As pesquisadoras observaram que 15 menores vivem efetivamente nas ruas, dormem nas calçadas ou em baixo da passarela que fica próxima a Museu Padre Carlos Weiss (batizada de "viaduto" pelas crianças).

Um índice significativo - (28%) - já não vive com a família há mais de 5 anos. E um dado reflete o agravamento da condição de vida dos menores: nos últimos 6 meses deixaram a casa dos pais 39% dos meninos ouvidos. Eles justificaram a decisão de viverem na rua principalmente com o argumento de que recebiam maus tratos de familiares, (66,68%) típicos de famílias em colapso (ver introdução).

Pedir e roubar são fontes de renda como outra qualquer. A grande maioria - 86,67% - responderam que estão trabalhando. Dos 39 que responderam que trabalham (engraxate, empacotador, lavrador e guardador de carros), 9 deles, correspondendo a 23% dos "trabalhadores", tem como atividade o roubar e o pedir.

Em abril de 1991, o salário mínimo mensal era de Cr\$17 mil cruzeiros e 18 dos entrevistados revelaram que ganhavam Cr\$1 mil cruzeiros por dia. Outros 14 informaram que ganhavam entre 1 a 2 mil por dia. Observamos que o valor arrecadado pelos menores é alto. Renda esta que muitas vezes é tomada por meninos maiores e extorquidos por policiais e traficantes.

Embora nenhum dos entrevistados tenha concluído o 1º grau - 9% nunca estiveram em uma escola e 91% não chegaram a 4ª série - alguns têm sonhos ambiciosos em relação ao futuro profissional. As autoras observaram um dado curioso: as meninas têm senso de realidade mais apurado do que os meninos. Entre os garotos, a profissão de caminhoneiro é a mais atraente (5 fizeram esta opção), seguida de médico (4); advogado (4); professor (03); cantor (3); policial (3); pedreiro (3) e bancário (3). Entre as meninas, doméstica (3) e lavadeira (2) são as preferidas.

Quando o assunto é drogas, o resultado não surpreende: 65% já experimentaram e a maioria conhece os mais variados tipos. Maconha e cola lideram a relação: 65% apontaram a primeira e 48% a segunda. Mas a grande maioria disse que costuma usar mais de um tipo. A outras: benzina, thinner, esmalte, artani, lança-perfume, éter, gardenal, xarope, gasolina, acetona, diazepam, e "comprimidos". O que causa surpresa, neste item, é a forma como os meninos conseguem as drogas. Os medicamentos, por exemplo, são comprados nas farmácias - sem problemas - eles dizem.

Tanto como as drogas, a iniciação sexual dos meninos e meninas de rua é precoce. Dos 45, a maioria conta que já transou (60%). O primeiro parceiro, também por 60% dos entrevistados, foi um amigo/a. Para 15% namorado/a.

E um número expressivo (19%) conta que teve o primeiro relacionamento com membros da família (irmãos, tios ou primos) uma das meninas disse que o primeiro parceiro foi um policial.

Roubar também faz parte da rotina de vida dos menores de rua. Disseram que já roubaram (69%) corresponde a 31 dos entrevistados. A maioria furtou comida, roupa e pequenos objetos, para uso próprio. A "cachanga muda" -- entra em residência vazia para roubar -- é prática comum entre eles. Com o intuito de conseguir mais recursos e alimentar o seu vício.

A maioria -- (60%) disse que já foi presa. O que justifica a causa principal dos medos dos menores. 37% responderam que temem a polícia. Outros 15% têm medo dos pais. E um dado curioso é que 15% dos entrevistados declararam ter medo do diabo, o qual foi designado por "demônio", "satã", "capeta", "bico roxo", "lúcifer".

Ter casa para morar e ficar rico são os grandes sonhos dos menores. A maioria das outras respostas também são ligadas a uma segurança material, quando indagados sobre o seu maior desejo, o que reflete bem a situação sócio-econômico do país. Houve duas respostas que refletiram revolta, pois são crianças adolescentes que sofrem maior violência em casa e na rua: "que minha mãe morresse" e "ter uma 765 para matar policiais".

Outra questão semelhante -- "O que faz você feliz?" Reafirma o desejo de ter uma casa.

Finalmente, sobre o que é "bom", as respostas estão relacionadas ao assistencialismo e afetividade como Pastoral do menor (10), mãe (7) e Deus (4) e o que é "ruim" as afirmações estão ligadas à violência: policiais (10), pai (3), mãe (3), irmão (3).

3. CONCLUSÃO

De início, era apenas um trabalho acadêmico com gráficos e tabelas: entretanto, a pesquisa adquiriu uma nova dimensão porque os menores de rua que contatamos revelaram uma nova imagem. Antes, nós mesmas tínhamos uma visão preconceituosa e discriminatória desta realidade. Agora, sensibilizadas pelo contato que tivemos, estamos conscientes da marginalização desses menores e até mesmo imbuídas no objetivo de contribuir de alguma forma mais concreta.

Nossos objetivos foram alcançados. O resultado maior seria conscientizar as pessoas que nos rodeiam da situação de vítima e de extrema carência, inclusive afetiva, do menor de rua. Se não houver uma mudança de mentalidade, o menor que não teve e não tem oportunidade, provavelmente não terá uma vida digna.

Isso depende de nós, depende de você.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPANHA da Fraternidade. Quem acolhe o menor a mim acolhe. CNBB, 1987.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **A guerra dos meninos**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- FALEIROS, V. A fabricação do menor. **Revista Humanidade**. Universidade e Brasília, n. 12 - 1987.
- FERREIRA, R. N. N. F. **Os meninos de rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo**. São Paulo: Comissão Justiça e Paz, CEDEC, 1980.
- FOLHA DE LONDRINA - edição de 13/01/91. Cad. 2, p12.
- FOLHA DE LONDRINA - edição de 28/04/91. Cad. 1, p.11
- FOLHA DE LONDRINA - edição de 06/06/91. Cad. 2, p.4
- FOLHA DE LONDRINA - edição de 12/06/91. Cad. 2, p.6.
- FOLHA DE SÃO PAULO - edição de 14/03/91. cad. 2, p.6.
- FOLHA DE SÃO PAULO - edição de 11/05/91. Cad. 1, p.1.
- FOLHA DE SÃO PAULO - edição de 14/06/91. Cad. 1, p.10.
- FOLHA DE SÃO PAULO - edição de 18/06/91.
- FOLHA DE SÃO PAULO - edição de 20/06/91. Cad. 1, p.2
- FOLHA DE SÃO PAULO - edição de 22/06/92. Cad. 4, p.3
- GOFFMAN, E. **O Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GALHARDI, Sueli. **Meninos de Rua; crianças em busca de humanização**. Londrina, 1984. (T.C.C. - Universidade Estadual de Londrina).
- HERZER. **A queda para o alto**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MENINOS de rua, os filhos da miséria e do crime. **Veja**. São Paulo. v. 22. nº 1.184, 1991.

NEU. **Vidas em Risco.** São Paulo: USP, 1990

PASSETTI, E. **O que é menor?** São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

PASTORAL do Menor Arquidiocese de Londrina - Instituto Dom Bosco.

ROCHA, Edina M. **A Pastoral do Menor, o Projeto Educador de Rua e os Meninos e Meninas de Rua;** um relato de experiência em Londrina. Londrina, 1990. (T.C.C. - Universidade Estadual de Londrina)

SCHNEIDER, L. **Marginalidade Delinqüência Juvenil.** São Paulo: Cortez, 1982.

SPIEGEL, M. Y. R. **Estadística** Coleção Schaum. Rio de Janeiro: McGrawhill do Brasil, 1971.